



Luiz Marins

#### PENSE NISSO:

- No Brasil, o custo de um empregado formal ultrapassa a 100% de seu salário para o empregador computados todos os benefícios legais, segundo o Prof. José Pastore (USP) um dos maiores especialistas em emprego do Brasil;
- Desonerar o emprego para aumentar a renda do trabalhador tem sido uma tendência mundial;
- Os estudos mundiais mostram que caberá a cada trabalhador, com maior renda, fazer suas opções de previdência e seguro saúde, regulados pelos governos para evitar o abuso do poder econômico;
- Cada vez mais trabalhos temporários, com grande liberdade e sem vínculo empregatício serão a forma prevalente de emprego;
- As pessoas terão que ser mais bem formadas e ter alguma habilidade especial que interesse ao mercado para que possam sobreviver.

A chamada “gig economy” - (pronuncia-se guig - como em guia), se refere a empregos temporários, geralmente de curta duração e sem vínculo empregatício formal com o empregador. O termo “gig” surgiu como sinônimo de show para bandas – “a banda fará um gig no bar do hotel” – para descrever um evento descompromissado, remunerado na forma de um cachê. Assim o termo descreve trabalhos pontuais, realizados sem compromisso para o contratante, além da remuneração acordada entre as partes.

O termo se refere, principalmente, a trabalhos vinculados a um aplicativo - como Uber, iFood, Airbnb e tantos outros hoje existentes no mundo todo. No Brasil, o termo vem sendo usado como trabalhador “freelance” como as diaristas e faxineiras, os bombeiros e encanadores e outros profissionais que fazem serviços domésticos sob demanda, garçons eventuais em festas, casa-

mentos, entregadores de pizza, etc.

Trabalhadores “gig” normalmente são pagos por tarefa concluída ao invés de ganhar um salário, como funcionários. Uber, Handy, Upwork e PeoplePerHour estão entre as milhares de plataformas em todo o mundo que oferecem essas oportunidades. Todos os tipos de serviços estão em oferta, desde montar uma apresentação em PowerPoint até fazer uma faxina em uma casa. E essa tendência de trabalho (não se pode chamar de “emprego”) está crescendo no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Estima-se que em 2020 40% dos trabalhadores americanos estarão atuando dentro da “gig economy”.

E a mudança será cada vez mais rápida. O IBGE publicou em 30/10/2018 os dados sobre emprego no Brasil no trimestre abril/junho/2018 e mostrou que foram criados 1.384.000 empregos dos quais 90% fazem parte do que podemos chamar “gig

economy” ou similar - na nomenclatura do IBGE “trabalhadores por conta própria” e “sem carteira assinada”.

As opiniões diferem sobre se isso é bom ou ruim. Os favoráveis apontam para a flexibilidade do “gigging”, que pode ser particularmente útil para pessoas com crianças e para pessoas com deficiência ou idosos. Outros temem que a economia gig termine com o emprego estável e decentemente pago para pessoas, principalmente as menos qualificadas que ficarão à margem dos benefícios trabalhistas tradicionais.

A verdade é que as relações de emprego estão mudando aceleradamente no mundo todo. Grande parte dos mais jovens preferem uma renda maior e maior liberdade a um emprego seguro e permanente.

As discussões e controvérsias são grandes e serão ainda maiores à medida que a tecnologia e a competição mundial se acelerar.

Pense nisso. Sucesso!